



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Yasmim Marques de Souza

As invenções e fracassos na operação adolescer-
impasses da sexuação na contemporaneidade

UBERLÂNDIA

2023



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



As invenções e fracassos na operação adolescer-
impasses da sexuação na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

UBERLÂNDIA
2023

Agradecimentos

À meu orientador Prof.Dr. João Luiz Paravidini agradeço por demonstrar que suportar as rupturas é necessário para fazer irromper o novo, por ser inspiração e referência nesse movimento de escrita fascinante e revelador.

À querida Prof.^a Dra.^a Anamaria agradeço ao investimento afetuoso durante meu percurso pela graduação e pela forma delicada de ensinar, incentivar e se fazer presente.

Aos meus amigos por se fazerem presentes nos momentos de dificuldades tanto quanto nos de celebrações.

À minha amiga Maria Paula, com quem pude dividir partes nesse trajeto de escrita, o que tornou o caminho menos solitário e muito mais rico.

À minha amiga Isabella, que me abriu caminhos e olhares desde os meus primeiros momentos na graduação.

À minha amiga Erika, que também enveredou este caminho comigo, obrigada por se fazer presente de forma singela e gentil.

A ONG ABC do Glória, por me permitir arriscar e dar meus primeiros passos em minha formação em psicologia. Por me fazer enxergar além e me encantar com a vista.

À Junia e Fabiano, que me presentearam com confiança e generosidade nesse fazer artesanal que foi a graduação.

À meu companheiro Ricardo, por segurar minha mão nessa jornada.

À minha família por sempre acreditar em mim.

À meus avós, Milton e Joselia que mesmo em ausência se fazem tão presentes. Em especial à minha avó, por ser meu laço no mundo, e a ponta que amarra o meu ser.

À minha mãe, Alcione, que nunca poupou esforços para que eu atingisse meus objetivos, e com ternura sempre me incentivou e me apoiou, não importasse o que estivesse no caminho.

Aos adolescentes, cujo testemunho de suas vidas se fazem presentes nesse trabalho, obrigada por me marcaram tão significativamente.

Epígrafe

“E onde queres ternura, eu sou tesão

Onde queres o livre, decassílabo

E onde buscas o anjo, sou mulher

Onde queres prazer, sou o que dói

E onde queres tortura, mansidão

Onde queres um lar, revolução

E onde queres bandido, sou herói

Eu queria querer-te amar o amor

Construir-nos dulcíssima prisão

Encontrar a mais justa adequação

Tudo métrica e rima e nunca a dor

Mas a vida é real e de viés

E vê só que cilada o amor me armou

Eu te quero e não queres como sou

Não te quero e não queres como és

Ah! Bruta flor do querer

Ah! Bruta flor, bruta flor”

Caetano Veloso ¹

¹ Veloso, C (1984) O querer. **Velô**. Polygram

Resumo

Ao pensar a adolescência não como apenas sendo demarcada pelo início da puberdade, mas enquanto parte da trajetória do sujeito desejante, enfatiza-se como parte da operação adolecer a sexuação. A partir das transformações históricas, políticas e sociais de nosso tempo, assistimos ao desarranjo Nome-do-Pai como operador psíquico por excelência, deixando o sujeito à mercê da escassez de representação e significação frente ao Real do Sexo, o que tem sido escamoteado pelo gozo não regulado pela lei da castração. O objetivo do trabalho é investigar a constituição do sujeito adolescente perante este cenário e perquirir quais são as saídas lançadas como resposta à sexuação, buscando explicitar os arranjos discursivos presentes na construção desta operação. Para isso, nos valem das tramas de dois adolescentes frente à questão da sexuação. Embasados pela teoria psicanalítica lacaniana, foi possível compreender que os impasses na operação adolecer para esses sujeitos encontram por meio da fabulação e do semblante suas formas singulares de responder a relação sexual pela via do amor. O amor é lançado para esses adolescentes enquanto suplência ao que não se inscreve da relação sexual, na tentativa de suportar as exigências do gozo e velar a falta de garantia no campo do Outro, a própria castração.

Palavras-chave: adolescência, psicanálise, sexuação, contemporaneidade

Abstract

By thinking of adolescence not only as being demarcated by the onset of puberty, but as part of the trajectory of the desiring subject, sexuation is emphasized as part of the operation to make teenagers. From the historical, political and social transformations of our time, we witness the disarrangement of the Name-of-the-Father as a psychic operator par excellence, leaving the subject at the mercy of the scarcity of representation and meaning in the face of the Real of Sex that has been concealed by the non-existent jouissance. regulated by the law of castration. The objective of the work is to investigate the constitution of the adolescent subject in this scenario and inquire what are the outputs launched in response to sexuation, seeking to explain the discursive arrangements present in the construction of this question. For this, we use the plots of two teenagers facing the issue of sexuation. Based on the Lacanian psychoanalytic theory, it was possible to understand that the impasses in the adolescence operation for these subjects find, through fabulation and semblance, their unique way of responding to sexual intercourse through love. Love is launched for these teenagers as a substitute for what is not inscribed in the sexual relationship, in an attempt to support the demands of jouissance and to guard the lack of guarantee in the field of the Other, the castration itself.

Key-Word: adolescence, psychoanalysis, sexuation, contemporaneity

SUMÁRIO

Introdução.....	08
1- O Outro na contemporaneidade: os discursos que operam na trama social para a configuração do “lugar” dos adolescentes.....	11
2- O corpo do adolescente e a dimensão da angústia.....	17
3- Caso Nina.....	24
4- Caso Jorge.....	29
5-A fantasia e o semblante frente aos impasses da sexuação.....	33
5.1 Nina-O amor como fabulação.....	37
5.2 Jorge- O amor como semblante.....	39
6- Considerações Finais.....	40
7-Referências Bibliográficas	43

Introdução

A busca pela realização deste trabalho foi provocada pelas indagações com as quais me defrontei durante meu percurso como graduanda em Psicologia, com relação aos sujeitos adolescentes e as condições sob as quais constituem suas posições subjetivas.

Cabe destacar que a adolescência não é um fenômeno universal e natural, mas sim que sofre a incidência de fatores sociais, políticos e culturais na constituição de uma passagem singular por esse importante tempo de estruturação psíquica do sujeito.

Sônia Alberti (2009) informa sobre o crescente interesse pela adolescência a partir do século XIX, por meio da literatura e do surgimento do movimento Sturm und Drang², traduzido por ela como “tempestade e pressão”, que retrata essa etapa como um “tempo de tormenta que tem que passar”. Esse movimento impacta a teorização da psicanálise pós-freudiana instigando a criação de conceitos para lidar com o adolescente, que vão desde a fragilidade “egóica” até a “genitalização” da sexualidade, passando por todo tipo de melancolia, perversão e tendência a agir.

Em Freud, a terminologia “Adolescência” não se faz presente, privilegiando-se a puberdade enquanto a incidência do biológico no psiquismo. Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/1972), Freud anuncia a importância do período pubertário e das reconfigurações que esse período demanda ao sujeito a partir das mudanças operadas no corpo, situando-a como tempo de conclusão do processo de dos sujeitos em dois tempos: o da infância, em que se forjam as tramas edipianas, e a puberdade, em que tais matrizes são reconfiguradas. Entre esses tempos, ele demarca o período de latência, que se encaminha para uma escolha de objetos externos reais, já mediados por uma diferenciação Eu e Outro, uma vez que a castração simbólica foi operada e as pulsões incestuosas infantis foram recalçadas.

No campo Eu e Outro, evocamos as elaborações de Lacan sobre a constituição adolescente, destaca-se a inscrição do sujeito no campo simbólico. No seminário “As formações do

² O movimento Sturm und Drang é uma reação jovem contra o racionalismo iluminista que imperava na Alemanha. O nome Sturm und Drang se deve a uma peça de F. M. Klinger, de 1776, em que o espectador se vê diante de um drama sem um minuto de trégua e no qual tudo é linguagem.- Alberti (p.50)

inconsciente” (1999), o autor fornece uma nova leitura sobre a passagem pelo Complexo de Édipo e a operação da castração enquanto funções normativas que estruturam a relação do sujeito com a realidade. Tais funções o colocam frente ao momento de afirmar-se enquanto um ser sexuado, assumindo a posição feminina, masculina ou outra a partir das identificações construídas com as imagens parentais.

Cabe destrinchar essa proposição. Em primeiro momento a criança se desloca da posição de ser o objeto do gozo da mãe. Em segundo tempo, como forma de se defender da ausência desse Outro primordial do qual se faz objeto, elege um objeto do mundo externo com o qual irá gozar, como forma de dar conta da falta desse primeiro Outro. Dessa forma, o sujeito se constitui em relação a uma falta [fundada na separação da mãe] e, supõe no Outro, o detentor de uma verdade que lhe permita ascender a esse momento primeiro, anterior, de satisfação, elaborando, primordialmente, uma relação de alienação (Lacan, 1995).

Essa montagem, que sustenta uma promessa de gozo fálico (masculino), é colocada em xeque durante a passagem adolescente, uma vez que o encontro singular e perturbador com o sexual, faz-se cair no impossível da satisfação sexual do Outro sexo, representado como falta, como feminino (Poli, 2005).

Neste momento, o adolescente irá se confrontar com a dimensão traumática do real da castração, a partir do qual o sujeito deverá inscrever seu gozo na Lei da linguagem, da civilização, comprometido que está na tarefa de se orientar rumo à tentativa de encontro com o objeto de amor, no social, que fará suplência a sua falta (Catroli & Rosa, 2013).

Então, o que está em jogo nestas repercussões da passagem pelo Complexo de Édipo/Castração é justamente fazer operar o Nome-do-pai enquanto uma metáfora. Metáfora, pois permite a substituição de um significante pelo outro, autorizando que a criança saia da dependência do desejo de Outro, e afiance seu lugar enquanto sujeito desejante o incluindo na circulação de uma cadeia de significantes (Lacan, 1999).

Esta operação é o que se chama de inscrição simbólica, dada enquanto transmissão em que o Outro deve responder pelo sujeito a partir de sua própria castração, e que deve fazer-se presente enquanto operação tanto na cena familiar infantil a partir das figuras parentais, quanto na cena social a partir dos discursos circulantes (Lacan, 1995, p.369).

Essa perspectiva normativa da função paterna insere então para a passagem adolescente impasses entre a posição de alienação ao que se supõe ser o desejo do Outro e à deriva angustiante de se formar novas parcerias afetivas ou sublimatórias e assim confrontar-se a parcialidade das satisfações pulsionais. As formulações e saídas possíveis a esse impasse é o que se escolhe chamar neste trabalho de “Operação adolecer”, conforme expressão de Rassial em seu livro “O adolescente e o Psicanalista” (1999).

Para Rassial (1999), é importante que a adolescência não seja compreendida apenas como um tempo de reorganização imaginária das transformações anatômicas-fisiológicas e de novas exigências sociais, mas que seja, um conceito concernido a uma realidade dos processos psíquicos mais amplos do que adolescência enquanto um período de crise no desenvolvimento, permitindo assim nos informar de modo mais preciso sobre a constituição do sujeito.

E em suas elaborações sobre a operação adolescente, Rassial (2005) afirma que ela não está reduzida meramente ao efeito simbólico de refundar o Nome-do-Pai [enquanto metáfora paterna], nem ao efeito imaginário de reconstrução da imagem do corpo sexuado ou até mesmo a efeito real de rearticular real e realidade, ainda que ao mesmo tempo que os contém e os ultrapassa. A adolescência é para o sujeito e para o Outro como um “segundo nascimento”, sendo o momento de constituição do sinthoma como forma de nomeação [nomear, ser nomeado e responder por seu nome], agora situado no campo da diferença sexual, em que se fazem presentes as perguntas sobre o ser, o sexo, o próprio desejo e o desejo do Outro, surgidas na infância e silenciadas na latência.

Aqui, nos cabe interrogar quais as invenções e fracassos possíveis a esses adolescentes nas saídas lançadas à passagem adolescente e o encontro com a sexualidade como causa de inquietações e perturbações. Para isso, faz-se importante também localizar que discursos do Outro são

anunciados como possibilidade de enlaçamento social e o que se faz presente na adolescência que torna ou não possível sustentar-se enquanto sujeito, evocando as tramas entre a psicanálise e a política.

Dessa forma, este trabalho se propôs abordar a noção psicanalítica de sexuação como relevante a operação adolecer. Destaca-se, para tanto, o efeito das configurações discursivas contemporâneas nos impasses que os adolescentes enfrentam ao constituir sua resposta singular frente à relação sexual.

Essa questão foi identificada como tema de interesse a partir da escuta de adolescentes em diferentes contextos e por meio de diferentes dispositivos para além da escuta “convencional”. O material utilizado para estudo foi aquilo que se decantou destas experiências junto à adolescência e que possibilitaram a construção de casos em que é possível observar o enlaçamento entre as dimensões subjetivas e sociais na constituição dos sujeitos adolescentes.

Ao tomar a psicanálise como um de seus aportes teóricos é possível reconhecer a adolescência enquanto um fenômeno que não se reduz apenas às mudanças físicas e fisiológicas definidas pelas transformações que ocorrem na puberdade, mas também como um tempo que marca a elaboração de uma nova posição subjetiva que demanda uma reorganização pulsional a partir da irrupção do real no corpo (Warpechowski & De Conti, 2018; Gurski, Strzykalski & Perrone, 2020; Catroli & Rosa, 2013; Alberti, 2009).

1- O Outro na contemporaneidade: os discursos que operam na trama social para a configuração do “lugar” dos adolescentes

"Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época" (Lacan, 1998, p. 321).

Se pensarmos na clínica psicanalítica enquanto relativa ao sintoma do sujeito restringimos sua amplitude de atuação. Ao encontro dessa perspectiva, Debieux Rosa e Domingues (2010) indicam que a psicanálise não diz respeito apenas à psique, mas também é concernida e concerne ao

social de forma direta, no que se tem convencionado chamar de psicanálise em extensão, e que coloca a perspectiva clínica em psicanálise voltada ao sintoma social, dirigindo-se a interpretação do que nos surge enquanto mal-estar de nossa cultura.

A clínica psicanalítica ampliada permite tomar em consideração a adolescência não como apenas sendo demarcada pelo início da puberdade, mas entender que a operação *adolescere* situa-se em um domínio amplo que envolve os campos culturais, políticos e sociais de nosso tempo.

À luz da psicanálise, pensa-se a adolescência também como parte da trajetória do sujeito desejante, em que se torna relevante a ênfase na questão da função simbólica (circunscrita ao social) enquanto estruturante do psiquismo. Esta função comporta a sustentação diante aos impactos do gozo na travessia em que o sujeito abandona certas identificações imaginárias com os pais na constituição de seu próprio desejo (Alberti, 2009). Consoante a isso, formula-se a necessidade do adolescente pelo reconhecimento de sua posição subjetiva, que se dá exatamente na separação do que se estabeleceu na forma de discurso operado pelos pais ao longo de sua educação (Miller, 2015). Sendo assim, só é possível atingir a dimensão subjetiva e uma imagem de si ali onde houve a colocação em cena da operação de separação.

A função simbólica e seu efeito estruturante é elucidada no início do Século XX por Freud que, a partir da moral social repressiva da época, introduz na obra “Totem e Tabu” (1913) a morte do Pai da Horda como marca que permite a introjeção da lei social. Por sua vez, Lacan (1999), no seminário “As formações do inconsciente”, comenta o pensamento de Freud na elaboração sobre o mito Edipiano como origem da lei. Ao destacar que a morte do pai é pedra angular para a fundação da lei, entende-se que o pai que promulga a lei é o pai simbólico. Trata-se, então do que Lacan chama de Nome-do-Pai:

“Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. E o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro.” Lacan, 1999 (p.152)

Faz-se essencial a compreensão da função Nome-do-Pai, pois ele é o significante essencial, ou seja, que contém em si a existência do significante, possibilitando que uma cadeia de significantes possa enredar-se e ordenar-se no Outro. Sendo assim, a falta desse significante produz uma desestruturação dessa cadeia, como observamos na psicose (Lacan, 1987).

Outro ponto importante para compreensão da centralidade do Nome-do-Pai como ordenador psíquico é o fato de o significante ser, como tal, ratificado no Outro, ou seja, a sua possibilidade de satisfação reside no Outro. Existe como natureza do efeito significante (como estruturante) a necessidade que ele se expresse como significado através da fala dirigida a um outro, o que contém uma refração do desejo. O descompasso que sucede essa passagem de mensagem para o Outro, gerada pela própria limitação em exprimir o desejo em linguagem, é o que defronta o sujeito com a impossibilidade de uma satisfação completa de seu desejo, ou seja, introduz uma regulação do gozo (Lacan, 1999 p.174).

Dito de outra forma, o desejo em sua passagem pelo significante, é ratificado enquanto mensagem, código dirigido ao Outro. Esses códigos são fontes de equívocos que não permitem a expressão correlata desse desejo. Quando nos dirigimos ao outro, algo se perde, permitindo assim apenas uma satisfação parcial de nosso desejo, que implica o sujeito em uma renúncia de gozo.

Essa inscrição simbólica faz incidir uma abertura para a sustentação de um sujeito desejo, mais além da posição de objeto do desejo do Outro, seja o Outro parental ou mesmo o Outro social, não sem atravessar impasses. Para melhor compreensão desses impasses, será necessário retomar os três tempos do Édipo, enquanto uma encruzilhada estrutural da constituição do sujeito até desembocar (ou não) na inscrição simbólica, que irá determinar como o sujeito vai responder a falta e como irá ler o desejo do Outro.

Em um primeiro tempo, que se liga ao narcisismo primário, a criança está identificada com o significante fálico, que representa tudo o que os pais desejaram para ela a partir do que restou dos desejos que os antecederam. Trata-se de uma transmissão geracional, sendo a criança dependente do desejo de seu cuidador primordial. Essa ligação é interrompida pela descoberta da criança de que

não é o objeto máximo de desejo do Outro (representado até então pela figura materna). Esse algo-a-mais que a mãe deseja é o próprio falo. Nisso faz-se importante a entrada de um terceiro, o pai. Este é suposto comportar o objeto de seu desejo, a mãe, sendo que sua posição media uma ordem simbólica. A criança é confrontada com a castração, e supõe no Outro (representado agora pela figura paterna) a detenção do falo, ou de uma verdade que lhe permita aceder a esse momento primeiro, anterior, de satisfação (Lacan, 1999 p.185-203).

Então, nesse processo que envolve identificação e escolhas de objeto, uma resposta possível dentro do curso das neuroses será deslocar-se da posição de objeto de gozo da mãe, para, num segundo tempo, eleger um objeto do mundo externo como substituto desse Outro Primordial, como forma de defesa da falta operada por essa separação (Gutierra, 2002). Assim, o sujeito se constitui em relação a uma falta, e supõe que o Outro detenha o que é necessário para estancar essa falta (gozo fálico), por isso abre mão do gozo pelo medo da castração e fica com a promessa de um dia poder também gozar. Nessa operação perde-se o objeto causa do desejo, e passa-se a posição de alienação ao que se supõe ser o desejo do outro (Lacan, 2003 p.557-559).

A adolescência seria então o tempo de reatualização desses conflitos edipianos, e o gozo perdido e prometido vem a ser cobrado. No entanto, como ressalta Poli (2005), não há no campo do Outro nenhuma verdade garantida sobre o seu encontro com o sexual, não há nenhum significante pleno que garanta sua significação enquanto sujeito, porque ele falta também ao campo do Outro. Assim, a adolescência se caracteriza pelo encontro com o impossível da satisfação sexual do Outro sexo, representado como falta.

Segundo Rosa (2002), a adolescência marca justamente uma pane no Outro da infância que cai do lugar idealizado, fazendo com que o sujeito se lance sob novas operações para validar outros discursos além do discurso parental, que possibilitem o pertencimento e reconhecimento dentro dos grupos sociais, construindo um lugar subjetivo que não é mais aquele da família. Faz parte destacável desse processo tomar a palavra e falar em nome próprio, o que pressupõe a inscrição desse jovem no laço social.

Pode-se entender a inscrição no laço social enquanto um recurso do sujeito frente ao mal-estar que resulta da entrada na cultura. Compreendendo que a metáfora paterna opera a entrada do sujeito ao campo da linguagem, é a partir dela que ele também se constitui em ser da cultura.

Lacan (1992), em suas elaborações acerca da linguagem, preconiza quatro discurso (do mestre, do analista, do universitário e o da histórica). Estes operantes na relação social fornecem as possibilidades de configuração do enlaçamento social enquanto relações dinâmicas entre sujeito e o Outro Social, sustentando e ao mesmo tempo produzindo posições subjetivas distintas. Então, propõe-se aqui o entendimento de laço social enquanto:

“discurso que organiza a configuração das relações sociais, é também o nome dos momentos em que podem circular, ou não as palavras que dizem a origem, o lugar, a filiação, o mito, sem deixar de manter um hiato e uma equivocidade salutares.” (Douville, 2004, p. 187)

A partir disso, Costa (2001) auxilia na compreensão dos laços discursivos enquanto aquilo que faz funcionar a pulsão. Cada possibilidade de enlaçamento discursivo contém em si uma impossibilidade que produz repercussões na dinâmica de gozo que cada cultura e cada tempo, ao oferecer ao sujeito os modos revelados a partir daquilo que se produz enquanto ato dentro da cultura. Enfatiza-se, de forma pormenorizada, que o discurso do mestre equivale à entrada do sujeito no campo da linguagem, o que implica na renúncia de seu gozo, consentindo o ordenamento social.

Este enlaçamento discursivo nos interessa na operação *adolescer*, porque é a partir dele que são lançadas as condições para elaboração do luto por uma condição anterior de gozo, que se reafirma agora como do campo do impossível a partir dos interditos do pai simbólico. É dele também que se extrai o Outro enquanto referência\endereço na trama social, que passará a orientar o sujeito no mundo.

Podemos afirmar que existem modificações nas condições constitutivas dos sujeitos, Catroli e Rosa (2013), indicam que o laço social hegemônico na contemporaneidade se configura sob a égide do discurso capitalista em detrimento do sistema nominativo e identificatório do discurso do

mestre clássico. Assim a dimensão da discursividade aparece comprometida e o Outro figura-se sob roupagens da anomia.

A psicanálise, em seus esforços para empreender uma interpretação acerca dessa transformação, volta sua atenção para a questão do significante Nome-do-Pai, dado como organizador simbólico possível de dar suporte às representações e significações do sujeito. Ela apresenta a compreensão de que na contemporaneidade tem-se um pai que não mais figura na posição simbólica referida, o que faz alterar não apenas o que faz mediar a intersubjetividade entre dois sujeitos, mas também aquilo que afiança a dimensão do não sentido, do não senso, do inconsciente. Na relação do sujeito com o Outro inconsciente, é imprescindível destacar a condição de desamparo desde sua posição de sujeito desejante.

Esse dismantelamento do significante Nome-do-Pai coloca o sujeito à mercê do desarranjo da lei que sustenta o bordejamento do gozo. Se antes, no discurso do mestre, havia um ordenamento claro, com seus determinantes restritivos ou proibitivos, também havia a referência para o sujeito que o permitia identificar-se. No discurso do mestre contemporâneo capitalista há, pelo contrário, o imperativo de gozo, cujo ordenamento se transmuta para negação do impossível: Nada é impossível (Catroli & Rosa, 2013).

Ao pautar as transformações históricas, políticas e sociais de nosso tempo, marcadas pela ascensão do capitalismo, vemos incidir no registro do sujeito uma lógica do gozo enquanto uma promessa de satisfação ilimitada. Configura-se enquanto uma estratégia de amparo que desordena o laço social e desemboca em modos de subjetivação que não suportam o contato com falta, enredando também novas formas de mal-estar.

Birman (2014) afirma que o sujeito contemporâneo, circunscrito a esse cenário social capitalista, estaria padecendo da escassez de possibilidades psíquicas de simbolização para o próprio mal-estar. Assim, a experiência subjetiva do mal-estar não possui possibilidade de significação, pois, as condutas sociais de nossa sociedade eminentemente narcísica impedem a tentativa de colocar a experiência da dor em palavra. A ideia de insuficiência, necessária para

abertura ao outro enquanto endereçado de uma demanda\apelo de sofrimento, faz furo no ideal de subjetividade autossuficiente instigado pelo nosso tempo. Nas palavras do autor:

“Na experiência da dor, o sujeito sem abertura para o outro fica entregue ao desolamento, não tendo possibilidade de realizar uma subjetivação possível para aquela experiência. Entregue ao seu solipsismo, o sujeito definha na sua auto-suficiência, que o paralisa quase que completamente. Seriam essas a posição e a condição do sujeito na contemporaneidade, ficando à dedica nos fluxos e reflexos dos novos códigos de existência forjados pela mundiação.” (Birman, 2014, p. 144)

A partir dessas elaborações, o autor distingue duas categorias fundamentais para compreender a configuração desse sujeito contemporâneo: O desamparo e o desalento. Enquanto o desalento é resultado de uma dor que paralisa o sujeito o aprisionando no trauma sem possibilidade de representação, o desamparo é uma dimensão constituinte da subjetividade, que coloca o sujeito em contato com a falta resultante extraída da operação lógica edipiana saída e o lança a formas de suplência a essa falta a partir do laço social (Birman, 2014).

Pode-se afirmar que o sujeito adolescente, na contemporaneidade, ao invés de padecer de um sofrimento centrado no conflito psíquico produzido pelo embate entre os imperativos pulsionais e as interdições morais, adocece de uma dor irrepresentável. Vê-se esmorecer a dimensão simbólica que dá lugar a uma ampliação do aspecto imaginário, em que há o esvaziamento do pensamento e da linguagem enquanto eixos ordenadores, sendo que a sociedade, a ciência e o sujeito, como principais formas de manifestação dessa nova forma de existir, guiam-se por imagens (Birman, 2014).

Dessa forma, o sujeito tomado por um excesso pulsional que não possui ordenamento para descarga dentro da dimensão simbólico-representacional, é levado a descarregar desse excesso pela ação e no corpo. Põe-se então como questão o corpo do sujeito enquanto enredado por um estado de angústia, o que se pretende tratar a seguir.

2- O corpo adolescente e a dimensão da angústia

“o sujeito é esboçado como necessariamente histórico, não obstante de sua condição pulsional de base, sendo o destino psíquico da pulsão delineados na relação desta com o outros e com os dispositivos sociais que constituem tanto o sujeito quanto o mal-estar correlato. (Birman, 2014, p.78)

Ao explorar a dimensão simbólica como reguladora de gozo e importante na operação do adolecer, propõe-se agora discutir a dimensão imaginária como suporte para a constituição da representação do sujeito. Se a dimensão simbólica sustenta a condição do sujeito enquanto desejante e faltante, a montagem imaginária dá suporte ao registro corporal e da imagem (Poli, 2007).

O corpo é o registro antropológico mais eminente no qual se anuncia na atualidade o mal-estar (Birman, 2014). É para este campo que se direciona nossa atenção a medida que a compreensão da puberdade, marca da transição do corpo infantil para um corpo em preparação para a vida sexual, implica em circunscrever a adolescência por um tempo caracterizado pela demanda de uma nova representação de si como resposta a uma necessidade do campo pulsional, transição certamente marcada pela angústia (Gurski, 2009).

Ao tomar as mudanças anatômicas e fisiológicas introduzidas pela puberdade, considera-se que essas alterações provocam uma perturbação na representação de si, mais além do corpo biológico. Freud (1972), propõe que a puberdade marca o declínio do Édipo enquanto recalque de uma das posições de bissexualidade. Põe-se, então, em questão a sexuação como um dos movimentos adolescentes na direção da escolha de objeto para o qual a pulsão será direcionada e da identificação sexual, que tem as características de uma confirmação, da reafirmação ou não de um outro movimento já iniciado na primeira infância, mas que agora contorna a via incestuosa com o suporte a interdição simbólica (Costa e Poli, 2010).

Muito embora cada indivíduo traga a marca da diferença anatômica entre os sexos, sendo ao nascer designado como menino ou menina, é necessária a elaboração dos significantes inconscientes para que se possa assumir de fato sua posição frente a diferença sexual instaurada a partir do complexo de castração. Dito de outra forma, o trabalho psíquico necessário para responder

a demanda de identificação e extração do objeto de desejo provoca efeitos traumáticos pelo encontro com o real do sexo posto pela questão da genitalidade (Rassial, Bidaud & Douville, 2002).

Lacan (1985) atribui esse efeito traumático ao fato de que o real do sexo ser o grande enigma a que temos de responder, pois no psiquismo não há nada pelo qual o sujeito possa situar-se em quaisquer das posições sexuadas e que tenha sido determinada *a priori* como um saber real e no real. Portanto, assumir a condição sexuada requer responder a formação sintomática “o que quer o Outro de mim?” determinada pela condição do ser de linguagem. Esse campo do Outro se apresenta primeiramente através da alternativa simbólica entre a presença e a falta fálica na dimensão imaginária, isto é, no nível da imagem unificada do corpo aparece uma diferença entre os corpos que delimita uma zona angustiante (Santos & Zeitoune, 2011).

No entanto, Gurski (2009) afirma que há sempre uma fratura, uma falha, na representação do sujeito que se constitui a partir desse encontro com a dimensão do Real. Isso porque, salvo o fato de as representações infantis serem insuficientes para garantir uma significação no campo social, não existem sentidos plenos que possam ser oferecidos pelo Outro que dê conta desse encontro.

Nesta seara, temos a dimensão da angústia como manifestação psíquica frente ao excesso libidinal que marca a saída do período de latência e entrada na puberdade. Como a sexualidade não tem um desdobramento que obedeça a uma lógica, ela traz junto de si um real que excede as condições de representação, aquilo que se fazia suportar o real nas relações primárias da infância se perde, dando lugar a angústia. A questão do excesso libidinal na puberdade, enquanto “desencadeador de angústia” que exige um processo de reorganização psíquica, é colocada em pauta pela psicanálise (Klein, 1974; Freud, 1989; Winnicott, 1982).

Nas aproximações entre a puberdade e a angústia, destaca-se a peça teatral do dramaturgo alemão Frank Wedekind *O despertar da primavera* de Frank Wedekind. Ramírez (2014) às análises lançadas por Freud e Lacan enquanto leitores de Wedekind permitem reconstruir uma concepção psicanalítica sobre a adolescência.

A trama da peça tem como tema principal as descobertas e angústias de três adolescentes, Melchior, Moritz e Wendla diante das questões postas pela sexualidade, e seu excesso pulsional. O saber sexual da infância não dá mais conta e o sujeito se defronta com a tarefa de construir um novo saber separado do grande Outro primordial encarnado nas figuras parentais.

Freud em seus comentários à conferência proferida por Reitler sobre a encenação *O despertar da primavera*, na sessão de 13 de fevereiro de 1907 da Sociedade Psicanalítica de Viena. Uma importante cena encontra-se ao final da peça, Melquior, em uma fuga do reformatório, confronta-se com um Homem Mascarado a quem dirige o questionamento de que se o homem não é seu pai, porque o seguiria sem garantias. O homem mascarado, então, responde: "Neste momento o seu pai está suando nos braços de sua mãe. Eles estão se consolando. Eu quero te abrir as portas do mundo. Você quer? Você está assustado, completamente perdido, mas isso passa. Você está num estado lastimável. Com um jantar quente no estômago você irá rir disto." (Wedekind, p. 59)

Freud (1907) em suas ponderações, diz que o encontro com o Homem Mascarado equivale ao encontro de Édipo com a Esfinge, que o interroga sobre sua existência. Pode-se também dizer que o Homem Mascarado incita o jovem a procurar sua própria resposta, sem garantias do Outro, o defrontando com sua condição de desamparo.

Lacan (2003) escreve o prefácio ao livro de Wedeking, em que pauta na peça *O despertar da primavera* a questão do gozo e sua relação com o sentido, que começará a nos esclarecer a relação do mal-estar na adolescência com a derrocada do Ideal do Eu, instituído como promessa prorrogada desde o Édipo.

Nesse sentido faz-se importante compreender que o gozo fálico como promessa edipiana cai no impossível da satisfação sexual do Outro sexo, representado como falta. A imago parental, como detentor da verdade, é colocada em xeque pela inscrição do gozo na Lei da linguagem, da civilização, fazendo relançar a dimensão do desamparo, de onde advém também os excessos sintomáticos como forma de lidar com o mal-estar contido na introdução do sujeito no laço social (Gutierra, 2008, p. 34).

Lacan (2003) afirma: “A sexualidade faz furo no real” (p.558). Isso implica em dizer que a irrupção libidinal presente na operação adolecer exige atravessar a fantasia enquanto idealização da completude genital para firmar compromisso com as formações sintomáticas.

No entanto, Ramírez (2014) propõe-se a demonstrar uma relação particular entre sentido e gozo próprio da puberdade, em que eles se unem nas formações inconscientes e se desamarram na angústia. O autor oferece especial atenção aos sonhos e fantasias púberes como forma de amarração do gozo sexual ao sentido, em que a deformação onírica, metonímias e metáforas os tornam uma realização disfarçada de desejos reprimidos e nos quais aparece, embora velado, o conteúdo sexual. Por sua vez, quando sentido e gozo se desamarram aparece outra pulsão que se expressa em agressividade, pouco articulada à pulsão sexual.

Freud (1996 [1900]) em *A Interpretação dos Sonhos* elabora a tese de que a experiência onírica, fantasiada como uma percepção subvertida pelo desejo fornece uma dimensão real do sonho que faz com que ele não seja um mero faz de conta, sendo na verdade uma forma de realização do desejo do sonhador que se inscreve na realidade psíquica como antecipação, mesmo que não aconteça literalmente na realidade material.

Birman (2014) toma a tese freudiana de que o sonho é uma realização de desejo para compreender os impasses na circulação e formulação do desejo na contemporaneidade. Para o autor o *fastasmar*³ dá a dimensão da temporalidade no psiquismo, em que a antecipação e simbolização de um acontecimento ainda ausente e virtual permitem captar uma experiência no registro da realidade psíquica, fazendo anteparo frente ao real. Sem a capacidade de realizar a fastamação o sujeito fica preso a uma autossuficiência narcísica, preso em seus signos identitários no aqui e agora, perdendo então a possibilidade de representação antecipatória, sendo assim o sujeito lançado a um nível abissal de angústia.

³ Em francês há duas formas de se traduzir “fantasia”: ou bem se opta pelo termo antigo e em desuso “fantaisie”, ou bem se traduz por “fantasme”. A palavra “fantôme” designa “fantasma”. Portanto, quando, ao lermos Lacan, encontramos a palavra “fantasma” no lugar de fantasia, trata-se de um erro de tradução, que acabou por ser aderido pela psicanálise brasileira. (Costa, 2005)

É importante destacar que a angústia do real se impõe no psiquismo como uma marca do desamparo constituinte do sujeito em sua entrada na cultura. No entanto, o que propõe Birman é que o sujeito contemporâneo tem perdido a experiência onírica regulada pela dimensão da temporalidade e se deslocando para categoria da espacialidade, sendo essas definidas pelo autor da seguinte forma:

“[...] a temporalização é o correlato das formas de simbolização que marcam a produção do sonho. [...] [a temporização] seria a condição de possibilidade dos processos de simbolização presentes no sonho, inscrevendo este então no registro da representação-coisa, ao passo que a espacialidade se evidencia pelos signos de percepção.” (Birman, 2014, p. 21)

Dessa forma, a interpretação dos sonhos oníricos, tão teorizada por Freud em seu desvelamento, perde sua posição na compreensão do sujeito e da cultura, sendo enevoadada a categoria temporalização, o que implica na perda do potencial de simbolização. Isso porque, colocada em voga, a percepção evoca um novo tipo de mediação entre o sujeito e a realidade por meio dos registros de apresentações: apresentação de uma imagem, de um espaço, isso em detrimento da temporalidade que permite uma representação do objeto e a ligação com a alteridade e com a dimensão da linguagem.

A partir dessas explanações, retornamos a operação adollescere enquanto marcada pelo encontro com o real, emergente nas mudanças corporais, e com o traumático, a partir da constatação do sujeito de que o Outro não possui respostas para seu encontro singular com o sexual. Nessa operação podemos compreender que está em jogo o que Gurski (2008) chama de “equacionar corpo e linguagem”, em que muitas vezes o sujeito adolescente lança mão da potencialidade da fantasia para anteparar os excessos impostos pela sexualidade.

Santos e Zeituone (2011) também destacam a fantasia como resposta frente à irrupção de uma experiência subjetiva da diferença sexual como algo fora do sentido. Essa resposta seria uma tentativa de produzir uma suplência do objeto que tornaria possível a relação sexual assim como preconizado por Lacan (2005) no Seminário 10, A angústia, em que faz uma releitura do complexo de castração e esclarece que o sujeito estabelece uma relação com a falta de objeto através da

construção da fantasia, isso porque ela permite simbolizar a ausência do significante fálico. Dado que a relação sexual não existe é preciso que o sujeito a faça existir por meio de significantes, sintomas, fantasias e sonhos.

A fantasia faria parte da formação do sintoma, servindo como estratégia do sujeito para evitar a castração, defendendo-se da angústia e velando a falta. Freud (1980) salientou a importância das fantasias produzidas durante os anos da puberdade na formação dos sintomas:

“[...] entre os sintomas e as impressões infantis, acham-se inseridas as fantasias (ou lembranças imaginárias) do paciente, geralmente produzidas durante os anos da puberdade, e que, por um lado, eram criadas a partir de recordações da infância e, por outro lado, eram transformadas diretamente em sintomas” (p. 286).

No sintoma, o encontro com o objeto, que provoca angústia, é metaforizado através da fantasia. Quando não é possível produzi-la nesse campo, que é o do inconsciente, é como ato que se produzirá uma resposta à angústia (Santos & Zeitoune, 2011).

Na contemporaneidade, observa-se a redução do campo simbólico e do registro da temporalidade, que oferecem consistência à experiência dos sonhos e das fantasias. Vê-se engendrar uma problemática contemporânea na operação adolecer: Quais os destinos pulsionais da angústia que sinaliza um encontro com o real?

À medida que o sujeito se afasta do registro da fantasia e da linguagem como eixos ordenadores, seu sofrimento deixa de ser centrado no conflito psíquico, fruto do embate entre os imperativos pulsionais e as interdições morais, e passa a ser um padecimento de uma dor irrepresentável, sendo o corpo, o espaço e as intensidades seus registros. Assim, o sintoma, em sua leitura clássica, se revela uma saída insuficiente para as dificuldades do sujeito diante do mal-estar do desejo.

4- Caso Nina

Até agora, temos dedicado nossa análise à interpretação psicanalítica das vicissitudes sofridas pelo laço social na contemporaneidade que modificaram a operação adollescere. Gostaria de trazer, desde já, elementos que permitam situar mais diretamente, dentro deste vasto campo da adolescência, as questões que me interessam.

Para tanto, trataremos a seguir o caso de Nina, que permite referir-se à noção de adolescência tal como proposta neste trabalho, como um momento lógico da constituição que designa uma posição que o sujeito produz frente ao gozo fálico e a castração.

Nisto, cabe interrogar quais os efeitos de sujeito que essa posição produz. No caso de Nina, destacamos os elementos referentes à fantasia, configurada pelo movimento em direção ao objeto todo poderoso enquanto um simulacro do pai.

Essa fantasia é crucial no caso ilustrado, pois ele se aproxima do que se supõe desejável ao Outro, fazendo barreira à castração por meio da identificação com o objeto-todo-poderoso.

O contato com Nina iniciou-se em meu primeiro período da graduação, quando me envolvi com o trabalho realizado por uma Organização Não-Governamental em um assentamento da cidade de Uberlândia. A proposta da ONG envolvia a educação popular mediada por oficinas culturais para idades entre 3 e 16 anos. Dentro dessa instituição discursos como “Fulano é difícil, rebelde”, “Os adolescentes são impossíveis de lidar” ou “Temos que pensar o que fazer esses adolescentes” circulavam e causavam em mim o incômodo e o interesse que me inclinava a estar cada vez mais perto daqueles que eram descritos como “difíceis”.

Assim, fui criando vínculos, não sem antes atravessar resistências, uma vez que a minha figura inspirava desconfiança: Adulta e de uma classe econômica privilegiada, me enquadrava ao perfil daqueles que, geralmente, pregavam a eles sermões morais e exigiam em sua companhia uma postura de: Bom estudante, educado, prestativo, dócil. Por isso, a constituição possível desses

vínculos foi afastada de uma condição de “autoridade”, aproximando-se de uma postura de curiosidade genuína sobre o que se passava com esses adolescentes.

Dentro desse novo lugar, foi possível escutar tudo aquilo que tornava a adolescência “difícil”: conflitos familiares, sobrecarga de responsabilidades domésticas, violência, a passagem pela puberdade e as mudanças percebidas no corpo acrescidas da percepção acerca da exclusão social vivenciada em espaços como a escola. Para mim, problemáticas que se sintetizam como a falta de espaços em que fosse possível filiar-se ou vincular-se.

Nessa experiência, conheci Nina, adolescente de 12 anos. Filha de pais separados, e com dois irmãos, cujo os cuidados do mais novo de apenas 2 anos eram delegados a ela.

A adolescente destacava-se entre seus pares por sempre ter se inclinado aos interesses tidos como “masculinos”: jogava bola e soltava pipa com a habilidade que a permitiu ser aceita no grupo dos meninos, sempre “boca dura e suja”, xingava a todos que a contrariavam, arrumava briga com todas as meninas, debochando de suas “frescuras” e deferindo diversas ofensas aos grupos de meninas que a renegavam.

Nina foi uma das beneficiárias do projeto que esteve mais próxima a mim, sempre conversando via mensagens telefônicas e a acompanhando em suas atividades no projeto, enquanto ela tentava por meio de suas atitudes disruptivas afastar outros monitores ao reforçar seu papel como “adolescente difícil”. Com o tempo, a resistência a suas tentativas de me afastar ao me chamar de “feia” e questionar porque eu usava o cabelo tão curto, me alertando sobre como aquilo me fazia “parecer um menino”, foi possível desenhar uma relação de confiança junto a adolescente, como se tivesse provado a ela que a “suportava”.

Nina admirava muito o pai, que “dava tudo a ela”, desde aparelhos celulares até uma égua que ela criava no quintal de casa e passeava pelo assentamento. O homem, separado da mãe de Nina e já casado com outra mulher, fazia-se presente para ela, a ensinando a dirigir e a cuidar dos cavalos e éguas que criava, todas essas atividades consideradas por aqueles ao redor como “perigosas” para

uma menina. Nina se satisfazia com essa posição de “igual” que o pai a concedia por meio dessas insígnias masculinas.

A condição financeira do homem, pouco acima do padrão para a população do assentamento, também garantia a Nina algumas "regalias". No entanto, era produto de atividade ilegal de “remanufaturamento” de joias, motivo pelo qual ele já havia sido detido pela polícia ao não pagar propina que impedia que eles o denunciassem. Pela perseguição da polícia e a impossibilidade em exercer a prática ilegal, o pai de Nina muda-se para uma pequena área rural no interior de Minas Gerais.

O afastamento do pai causa muito sofrimento a Nina, que passa a exibir ainda mais um comportamento agressivo, arrumando brigas com outros adolescentes do projeto, inclusive insinuando conflitos físicos. Em outros momentos, sua inibição é interpretada por muitos dos monitores como “falta de interesse” nas atividades propostas, ou “rebeldia” em se recusar a participar de quaisquer que fossem as ações, até mesmo aquelas que antes eram fonte de prazer como: futebol e soltar pipa.

Em uma tarde no projeto me ofereci para acompanhá-la até sua casa. No trajeto, a garota conta sobre a vontade de ir morar com o pai. Questiono como seria para ela deixar a escola e a mãe para trás. Nina diz que não liga para escola, que não sabe o que está fazendo “naquele lugar”. Por um momento, começo a defender o discurso de como a educação é importante para um futuro melhor, e isso logo é refutado por ela: "minha mãe tem segundo grau e trabalha de caixa de mercado. Meu pai ganha muito mais dinheiro que ela, sem estudar”.

Sobre a mãe, Nina diz que prefere estar com pai, que a mãe trabalha o dia todo e ela acaba sendo responsável por cuidar dos irmãos e da casa sozinha. Questiono se não tem nada que a faria ficar, e ela queixa-se mais uma vez sobre a escola, diz que a mãe insiste que ela termine os estudos, mas que “não tem saco”, que tudo o que vê o dia todo na escola são “as meninas dançando querendo pegar os moleques” e que ela fica entre eles, rindo.

Assim, ir morar com o pai formula-se como uma possível saída, uma possibilidade de refúgio de todas as agruras que a posição feminina lhe provoca: ser filha, ser irmã, ser menina. Tal perspectiva se sustenta na fantasia da exceção fálica masculina. Uma vez que, o pai a tratava-a a salvo da posição de menos valia feminina.

Algumas semanas depois, Nina de fato vai passar alguns meses na casa do pai. A escola é abandonada neste processo, e o vínculo com a ONG é suspenso durante um tempo. Recebo notícias dela através dos irmãos que continuam a frequentar o projeto.

Nina retorna após cerca de 6 meses na casa do pai, contrariada, já que lá não fazia muito além de cuidar das atividades domésticas e do pai, posição que também ocupava em relação à mãe. O pai, após seu retorno para a casa da mãe, não entra em contato tão frequentemente, o que também chateia e frustra a garota. Ela recusa-se a retornar à escola que já “não fazia sentido” antes mesmo de ir morar com o pai, mas retorna ao projeto da ONG paulatinamente, comparecendo apenas em algumas atividades.

A garota descobre meu número de celular, e passa a me contatar por mensagens. Em primeiro momento existe uma grande curiosidade em relação a minha vida, ao que eu faço, se trabalho, se estudo, onde moro. Posteriormente, passo a receber mensagens de madrugada, endereçadas sempre de um lugar de urgência por uma resposta, relatando estar sentindo-se muito mal, não conseguia nomear o que era esse sentimento, mas descrevia como uma falta de sono e mal-estar físico, sintomas parecidos com os de uma crise de ansiedade.

Logo, Nina passa a mandar aleatoriamente conversas que tem com uma mulher por um aplicativo de conversas, em que a mulher fala para ela sobre sentir-se muito triste e querer se matar. A adolescente apresenta a mulher a mim enquanto “minha mulher” e pede para que eu não conte para ninguém sobre isso. Essa pessoa, a quem Nina refere-se como sua mulher, é amiga de sua mãe, com a qual relata ter “intimidade”. Quando questiono sobre o que isso significa, ela diz que mulher tem depressão e que “está tentando não ser ignorante com ela, porque qualquer coisa magoa ela” e diz: “Não sei porque ela me fala tanta coisa, é papo de adulto e eu sou criança”.

Nessa passagem, já é possível ver que Nina lança um enredo sobre a “mulher” como detentora de algo que lhe é faltante, posta aqui como a diferença entre a condição de adulto e criança. Há o gozo que ela supõe à posição de mulher adulta, diferente de sua condição enquanto “criança”, mas que não encontra como alcançá-lo. Isso antecipa um encontro com o real do sexo começa a irromper a angústia, manifestada em direção ao corpo com os mal-estares físicos.

Nas semanas que seguem a apresentação da mulher que troca mensagens com Nina, a garota passa a apresentar comportamentos agressivos, e chega a bater em um garoto bem mais novo que ela durante as ações do projeto. No papel de educadora, bem distinto ao papel de analista, e pelo vínculo estabelecido com a garota, sou incumbida de repreendê-la por esse ato. Em nossa conversa, a menina diz estar muito estressada e preocupada com a “mulher”, suposta namorada, e por isso acabou “descontando nos outros”. O alvo escolhido para seu ato de violência nos conta sobre a sensação de impotência vivenciada pela garota, que se vê reconhecida naquele que lhe é inferior, desprezível, descartável, ao mesmo tempo que tenta combatê-lo e destruí-lo.

Passado algum tempo tentando compreender melhor essa relação de Nina com a mulher das mensagens, descubro que seu relacionamento com a tal mulher, suposta namorada, não é de fato como o relatado. A mulher tem a idade da mãe de Nina, e é uma colega de trabalho, casada com outra mulher cuja foto expõe em seu perfil no aplicativo de mensagens. Nina é quem inicia o contato com ela, após a mulher realizar uma visita em seu aniversário. Sendo a narrativa acerca do relacionamento uma fabulação.

Fabulação cuja trama reencena seu lugar na vida do Outro amado, o pai. A figura da amiga da mãe apodera-se do lugar antes atribuído ao pai, e dentro dessa trama é possível experienciar o amor, direcionado agora a este novo objeto idealizado como todo-poderoso. É possível, pela via do imaginário, fazer o feminino a partir desse lugar da potência, do gozo fálico, mesmo que construído por roupagens de fragilidade, com toda trama construída em volta desta mulher que está numa posição de vulnerabilidade, “depressiva”, mas que ao mesmo tempo atinge uma condição de gozo almejada por Nina.

A partir dessa fazedura da condição de mulher é possível sustentar sua identificação com o objeto, assim Nina segue ocupando o lugar de potência que a figura parental passa a negar quando Nina muda-se de cidade, limitando-a à condição de “menina”, e logo atribuída a função dos cuidados domésticos, a condição subalterna, sem direito ao gozo.

5- Caso Jorge

Ainda com ênfase nos elementos que compõem a fantasia, traz-se, em um novo caso, a questão do amor enquanto recobrimento para o Real, em que a posição em relação à fantasia é a de objeto máximo ao Outro.

Neste caso, destaco a vivência como estagiária no ambulatório CRAIST (Centro de Referência a Assistência Integral à Saúde Transespecífica) pela escuta clínica que propôs a um adolescente transmasculino⁴, Jorge, de 15 anos. Desde sua chegada ao serviço, aos 11 anos, os diagnósticos acumulavam, vindos de diversos profissionais da rede de atenção em saúde, que lhes conferiam um papel particular na configuração familiar, o de “doente”. A partir da doença encontra a possibilidade de configurar-se como “provedor”, já que essa condição lhe permitia o acesso a atendimento prioritário em serviços de saúde e também a auxílios financeiros que abriam a possibilidade de reconhecimento como sujeito, em uma realidade em que as possibilidades de vínculos se apresentavam como precárias.

O pai, usuário de drogas, acusado pela mãe de ter abusado sexualmente do garoto, após algum tempo de medida protetiva imposta pelas autoridades pelas diversas queixas de violência denunciadas pela mulher, tenta agora reconstruir uma relação com o filho. A mãe, sem emprego fixo, convoca o garoto a estancar suas faltas dentro da teia familiar, sendo provedor, cuidador da avó doente e amparo emocional à mãe.

⁴ Reconhece-se a relevância da identidade de gênero e da transsexualidade enquanto questão à psicanálise, no entanto, o presente trabalho não pretende explorar essa temática ou sequer explorar isoladamente a identificação nominativa eleita pelo sujeito. Interessa-se na questão do amor e dos impasses da sexuação atravessados pelo adolescente.

No encaminhamento que traz o caso de Jorge até mim, em um retorno ao serviço, há a queixa de crises de ansiedade aguda e ideação suicida, atendido por profissionais da Unidade de Atendimento Integrado após dores intensas no abdômen e peito.

Apesar da pouca idade, a história de Jorge enreda-se em torno de relacionamentos amorosos, comprometido “como um adulto”. O adolescente me conta sobre estar apaixonado por uma garota que tem conversado pela internet, moram em bairros próximos, mas nunca se viram pessoalmente, e ele teme esse encontro, diz querer “contar toda a verdade” para a garota primeiro, mas que não consegue contar sobre seu passado.

Jorge, já havia sido casado aos 13 anos de idade, com Maria, de 17, que também conheceu através da internet. Maria morava junto da mãe e da irmã com deficiência cognitiva, e assim como Jorge, enfrenta diversos desafios e responsabilidades para com essa família, o que fez com que eles desenvolvessem uma relação de cumplicidade e Maria visse em Jorge e sua família, um refúgio, um espaço possível para ser cuidada e cuidar. Foi assim, que Maria mudou-se para casa de Jorge, no que acordaram em chamar de “casamento”.

Maria, cuidava da casa, preparava almoço e fazia companhia para Jorge enquanto ele não estava na escola. Papel que estimava gratidão à mãe de Jorge, que agora tinha alguém com quem partilhar as responsabilidades da maternagem.

No entanto, a família de Maria não apoiava a união, acusava Jorge de estar envolvido com uso e tráfico de drogas, deslegitimam a identidade de gênero do garoto, mandam pessoas para ameaçá-lo e coagi-lo a separar da garota. Em uma das cenas relatadas pelo adolescente em sessão, a irmã de Maria o flagra mutilando seus pulsos e tenta obrigá-lo a engolir a lâmina.

As polêmicas que atravessam a união de Jorge e Maria multiplicam-se pela vizinhança, já que agora, o casal resgata cães abandonados e os leva para casa. Esses cães, sem alimentação adequada e em um espaço pequeno atrapalham os vizinhos com latidos e brigas, que tornam a casa alvo de denúncias.

A condição de conjugalidade dos dois menores de idade acaba com a intervenção da polícia que recolheu Maria e restitui em seu lar original.

Essas cenas na trama desse relacionamento apresentam-se como intrusões, excessos que extrapolam as bordas que esse sujeito adolescente apostava estar delineando para si. Jorge diz que quando algo o ameaça separá-lo de Maria, vinham “crises fortes” e ele cortava-se. Ele refere-se ao relacionamento como “trauma”, que não consegue superar e que o fez sofrer demais.

Agora, alguns meses separados definitivamente de Maria, as “crises” vem sempre que ele pensa sobre o novo relacionamento e na possibilidade de sofrer novamente, mesmo reconhecendo que essa nova garota parece ser diferente de Maria, e que tem uma família que apoia a relação dos dois.

Nas primeiras sessões, sua definição de relacionamento continua a indicar uma entrega irrestrita e absoluta, com falas como: “Ela é minha vida”, “Somos tudo um do outro” e “Só consigo estar bem, se ela está bem”. O que parece acirrar ainda mais o medo pela perda, dada a centralidade que o relacionamento ganha para nortear todos os outros aspectos de sua vida. Essa montagem, que expressa uma capacidade de amar de forma romântica e bucólica, contém também o ideal de completude da relação sexual que vela a castração.

Apesar de ainda experienciar crises de ansiedade e estar em tratamento, pouco regular, para a depressão, Jorge diz ter parado com os cortes, mas que ao ter crises não lembra daquilo que faz ou fala, que apenas age impulsivamente, e que quer muito descobrir o que tem de errado com ele e se “existe um nome para isso”.

Relata que o medo de reviver algo parecido com o relacionamento anterior faz com que ele aja de forma “abusiva”. Quando pergunto o que seriam esses comportamentos abusivos, ele diz que age com “imaturidade”, fazendo brincadeiras que sabe que serão ofensivas para a parceira, que a deixam insegura ou brava, e que mesmo assim “faz sem pensar, por impulso”.

Esses comportamentos revelam um salto da experiência da angústia até uma atuação, seja através da prática dos cortes infligidos contra o próprio corpo, ou através de ações que de alguma forma acarretam prejuízo ao relacionamento.

Essa montagem mostra as tentativas que Jorge faz, ainda que (muito) fugazes, de articular a partir dos relacionamentos amorosos um espaço de alteridade, onde seja possível ser reconhecido por um outro, num movimento que vai além da alienação, mas que remonta uma defesa narcísica, que fusiona “eu” e “outro”.

Jorge presta-se enquanto objeto para esse Outro. Objeto para a mãe que demanda dele atitudes de adulto, com quem divide as agruras da carência material, da vida conjugal e da doença da mãe. Objeto para Maria, que demanda um marido que dê suporte e segurança. Objeto esse que não se faz como um objeto qualquer, mas como O Objeto Máximo ao Outro.

Essa incessante repetição de entrega irrestrita nos relacionamentos atualiza-se pela urgência de encontrar um lugar no Outro. Os excessos que esses relacionamentos impõem acumulam-se como irrepresentável e a angústia se põe em cena através dos cortes, das ameaças verbais em tirar a própria vida e das falas ameaçam destruir sua relação com a parceira.

Em certo momento, Jorge produz um estranhamento sobre sua própria narrativa, sempre colada aos relacionamentos, que parece apontar para uma abertura de novos sentidos. Ele consegue contar para a nova namorada sobre seu relacionamento anterior. No entanto, diz que o relacionamento se desgastou por sua imaturidade e resolve acabar a relação. Ele passa a questionar o fato de que namora desde “...Novinho. Meu primeiro namoro foi aos 9 anos, com a autorização dos meus pais, claro”.

O fim do relacionamento amoroso dá abertura para o discurso sobre os vínculos familiares, onde a devoção ao Outro retorna como repetição. Jorge queixa-se sobre como não consegue ajudar aqueles que ama. Conta sobre o primo, que aparece pela primeira vez na narrativa, que também é transgênero e hoje encontra-se internado em uma comunidade terapêutica. Diz, que estava junto ao

primo no dia em que ele tentou suicídio, e que ao invés de tentar convencer o primo a não atentar contra a própria vida, Jorge ofereceu-se para suicidar-se junto, e que carrega muita culpa sobre isso.

A avó aparece na narrativa como alguém que demanda muitos cuidados, é agressiva com Jorge e vive demonstrando sua insatisfação com o garoto. O adolescente diz que a avó desejava que ele não tivesse nascido, que a mãe o tivesse abortado como fez em outras duas gestações antes dele.

Sobre os pais, Jorge declara que tem estado feliz que eles têm encontrado um jeito de “ser uma família”, mas que isso depende de que “cada um consiga ficar no seu canto, com certa distância para dar certo”. Referindo-se ao fato de que os pais permanecem separados.

Essa teia familiar vai se tecendo durante a sessão, com histórias e personagens inéditos que atravessam a vida Jorge antes mesmo de seu nascimento. No entanto, o garoto não consegue situar-se nessa teia, referenciando-se sempre através do Outro enquanto garantia ao que se é, não configurando uma resposta própria sobre sua posição. Assim, é sempre necessário um Outro que o faça existir, pois existir só é possível através de uma certa acoplagem a este Outro, que produz efeitos em seu funcionamento.

O adolescente também relata a sensação de que só conseguirá ser feliz, quando todos à sua volta estiverem bem. Em que é possível notar que Jorge se implica no fazer-se Um, sem figuração, restituindo um estado de existência anterior em que há uma indiferenciação entre o “eu” e o objeto ideal ao Outro em que o gozo é presentificado.

5- A fantasia e o semblante frente aos impasses da sexuação

“A adolescência, na condição de despertar da primavera, implica muito mais a confrontação com o real do sexo, que questiona a existência do sujeito, do que com a bucólica capacidade de amar”
-Alberti, 2009 p.134

Ao compreender a puberdade enquanto o tempo que marca a irrupção de gozo para o real, coloca-se ao adolescente a tarefa de dirigir-se em direção à libido, ou seja, a um real marcado pela

linguagem que leva à sexuação dos seres falantes. Nos interessa pensar no processo de sexuação e as respostas possíveis a ela, seja na eleição do objeto sexual ou em como situar-se frente ao gozo fálico.

Assumir uma posição sexuada envolve uma nova amarração a partir do que se operou na passagem pelo complexo de Édipo e pelo complexo de castração. É o momento de rearranjo da posição do sujeito diante da confusão pulsional e da emergência dos caracteres sexuais secundários e do encontro com o Outro sexo (Cottet, 1996).

No prefácio à peça de Wedekind “O despertar da primavera”, Lacan (2003) aborda esse momento do encontro sexual como aquele em que há o despertar para o impossível da relação sexual, uma vez que não há proporção perfeita entre os sexos, mais especificamente, há a ausência de saber no real que oriente a pulsão em direção ao objeto de satisfação. O encontro puberal com esse ‘não-há’ faz com que a adolescência seja resposta a essa não-relação. Como a relação sexual não existe, é preciso que o sujeito a faça consistir por meio de significantes, sintomas, fantasias e sonhos, e assim implicar-se em uma lógica de gozo.

Neste produzir um saber frente ao Real do Sexo e dele extrair o gozo, o adolescente encontra-se frente a uma fonte expressiva de angústia, na tentativa de se fazer representar o irrepresentável, cabendo a cada um responder ao sexo da maneira como pode. Sempre, entretanto, de modo falho.

No Seminário 10, A angústia, Lacan (2005) faz uma releitura do complexo de castração e esclarece que o sujeito estabelece uma relação com a falta de objeto através da construção da fantasia. Como o sujeito não consegue dar resposta à relação sexual com os significantes, pois não existe a inscrição significativa da mulher no inconsciente, é preciso simbolizar a ausência desse significante, colocando o sujeito diante de duas alternativas: a fantasia ou colocar em jogo a função essencial do vazio adentrando ao universo dos semblantes – isto é, dos papéis sexuais em jogo na encenação da vida amorosa – por uma via diferente do imaginário (Coelho dos Santos, 2009).

A fantasia configura-se enquanto salto lógico entre a significação da diferença sexual como alternativa entre ter e não ter o falo e as identificações sexuais pubertárias, baseadas no ideal do eu. Para Lacan, trata-se aqui do surgimento da significação do falo.

A escolha pela via da fantasia faz parte da estratégia do sujeito para evitar a castração, pois faz-se presente como objeto posição que empresta consistência à relação sexual, defendendo-o da angústia e velando a falta. É através da fantasia, que articula a presença do objeto em conjunção e disjunção com o significante

Segundo Ramirez (2014), a fantasia faz parte de uma tentativa de significação “imaginarizada” ao Sexo, em que o significante fálico condensa essa significação com o gozo. Há uma relação entre sentido e gozo. É permitido ao adolescente atribuir certo sentido a relação sexual a partir do gozo, porém, algo ainda escapa a significação, fazendo furo no Real e instalando o mal-estar diante do encontro com o real do sexo, que não encontra uma representação possível.⁵

Lacan, no entanto, nos mostrará que nem tudo pode ser articulado ao significante fálico, afirmando que diante do que faz “furo no real”, a saída pode se dar pelo encontro com algo que faça às vezes de uma versão do pai, um dos Nomes-do-Pai que, pelo semblante, pelo simulacro, forneça uma sustentação para o sujeito. Esse nome é “ex-sistente”, ou seja, é aparência (semblant), por excelência (Lacan, 2003).

Na contemporaneidade, todavia, existe uma dificuldade suplementar para os adolescentes. Se há falha ao transmitir a dimensão da falta, através do Nome-do-Pai como operador simbólico, o sujeito fica preso na crença de que é possível ter o falo de outro modo que não seja por sua ausência, coloca para esses sujeitos a possibilidade de ter o falo e gozar dele, mas enquanto um gozo não regulado pela castração, ou seja, sem anteparo representacional ou discursivo.

Destaca-se aqui a relação do gozo fálico como o tipo de gozo emergente na adolescência, quando algo, da ordem do real, no corpo se agita e o sujeito não detém saber pronto sobre o que lhe acontece. Essa lógica de gozo é substituída do gozo impossível como o produto da castração, o

⁵ Aqui, faz-se importante distinguir a significação fálica do gozo fálico. Enquanto a significação fálica assinala o furo, a falta, o gozo fálico é a obturação, a tentativa de obturação da castração (Amigo, 2007).

sujeito utiliza-se dele para proteger-se da inexistência da relação sexual, inscrevendo-se na função fálica. No entanto, há também aqueles adolescentes submetidos ao gozo do Outro, que é sentido como algo corporal, mas alheio à função fálica (Ramírez, 2014).

Nesta outra lógica de gozo se situa do lado das posições “femininas do ser”, em que é possível buscar a insígnia fálica no outro sexo, ou pode-se também oferecer-se como causa do desejo do Outro, reconhecendo-o enquanto também barrado pela lei da castração.

Reafirma-se que o discurso contemporâneo abalou os semblantes que antes davam sustentação à lei da castração e também à diferença sexual. Vimos na peça de Wedekind, “o homem mascarado” atuar enquanto semblante, já que pôde funcionar como Nome-do-Pai, mesmo que não encarnado no pai da realidade, e acompanhar o adolescente em sua invenção singular para sair do impasse do despertar da adolescência. Sem esses semblantes a lógica que incide ao sujeito é a de fomentação do gozo sem regulação simbólica, sem barreira ao Real do sexo, o Outro com suas insígnias não existe para orientar os rumos da vida, o sujeito fica à mercê de um gozo que não se ordena segundo a permutação dos discursos (Santos & Zetouine, 2011).

Nas configurações contemporâneas a dimensão da impossibilidade da relação sexual é borrada, justamente pelo enfraquecimento da inscrição fálica do gozo, assim as possibilidades de representação se tornam escassas de forma que impacta-se e modifica-se a forma como os sujeitos adolescentes, sob a pressão das exigências sexuais renovadas depois da puberdade, enfrentam a angústia, revelando novas saídas para as dificuldades do sujeito diante do mal-estar do desejo.

Privilegiamos neste trabalho duas narrativas distintas, em que foi possível vislumbrar a tessitura deste encontro com o sexo para dois adolescentes.

5.1 Nina – o amor como fabulação

Na história de Nina podemos ver enredar-se o momento em que as exigências da pulsão entram em jogo: A garota depara-se com a foto da mulher e da esposa no perfil do aplicativo de

mensagens e o interesse da ordem do sexual se apresenta á adolescente. No entanto, a angústia também faz-se presente ao sinalizar a presença do desejo do Outro.

Vimos então o movimento da adolescente em direção aos fenômenos de sentido, imaginários e simbólicos para seguir adiando seu despertar pulsional para o Real e para o encontro sexual.

Com a fantasia do caso de amor entre ela e a mulher, Nina exprime de maneira clara o que alcançou da significação da castração sob a forma de uma história articulada ou do que chamamos de sua fabulação. Entendemos a fabulação enquanto narração, que na impossibilidade de conter/deter um referente, ou seja, na impossibilidade da prova de verdade ou prova de existência, inscreve o referente em outra dimensão, colocando o sonho em equivalência à realidade (Gomes, 2018).

Ao analisarmos de forma mais concisa a construção da fabulação de Nina, chama-nos atenção a identificação fálica da mulher que se faz a partir de um objeto idealizado de amor.

Para melhor compreendermos essa fabulação, retomamos o terceiro tempo do Édipo, em que temos a presença do pai imaginário ligada ao pai da realidade, aquele que possui o falo e que possibilita ao sujeito a identificação ao Ideal do Eu. Nina, em sua passagem pelo Édipo identifica-se fortemente com o pai, recebendo dele título de potência a partir das insígnias da masculinidade. No entanto, a potência do pai não transmite a presença do falo, não transmite a lei da castração, o que põe em jogo apenas o pai gozador.

Quando o pai passa a negar a Nina essa posição identificada pela articulação de poder “masculina”, a adolescente tenta reconstruí-la a partir da fazedura da mulher enquanto objeto idealizado de amor identificado a uma lógica objetual toda fálica.

A emergência do gozo de Nina está na forma peculiar em que “a mulher” constitui-se enquanto objeto idealizado de amor ao tomar as insígnias paternas para si, que a fazem se aproximar mais daquele pai figurado como o da Horda Primitiva e detentor do gozo, do que daquele pai imaginário marcado pela castração.

Conforme desenvolvemos anteriormente, para que se tenha o acesso à significação fálica, à significação da falta no Outro, faz-se necessária a atualização da castração nos pais. Será pela ação do pai (enquanto função representacional) frente à falta, tida como a negatização do falo, que irá se configurar um lugar simbólico ao qual o adolescente poderá vir a responder.

No entanto, a figuração do pai para Nina não se inscreve ao gozo fálico como substituto do gozo impossível como o produto da castração. Isto a coloca como alguém que pode se excetuar da lei do para-todos que rege a sexualidade.

A amarração possível para Nina foi buscar, através da fantasia, reconstituir-se nesse objeto de amor, agora como a mulher. No entanto, nessa construção da mulher, Nina fica numa posição vacilante frente à sexuação. Ela se faz apresentar em posição bivalente: Uma que anseia gozar falicamente e outra que busca no objeto de amor um aspecto fálico com o qual se identificar. Essa vacilação presente na bivalência visa obter não só o velamento da condição da própria castração como também o acesso ao gozo que não consegue suportar a instabilidade do não-todo fálico.

Assim o caso de Nina apresenta na fabulação a forma marcante enquanto possibilidade de significação, indicada imaginariamente, frente a experiência subjetiva do encontro com o sexo.

5.2 Jorge – o amor como semblante

Quando nos voltamos para a condição de Jorge, a possibilidade de registro da singularidade do gozo assume um feitiço marcadamente narcísico, em que o recobrimento para o Real é realizado por meio do amor. Situando-se através de uma sexualidade não fálica que envolve também o gozo do outro.

Para melhor compreensão dessa construção havemos de explorar um pouco mais a questão do amor e a concepção do objeto *a* como causa de desejo. O desejo, não tendo representação, se vale de um deslocamento metonímico do amor como forma de responder ao furo instaurado no lugar da castração enquanto perda originária. Sendo assim, é somente pelas marcas ancoradas no simbólico que é extraído o objeto *a* (Caldas & Maia, 2011).

No entanto, para Jorge o amor assume o lugar daquilo que poderia tamponar a falta, velando a castração. Um movimento próximo ao que pode ser encontrado em uma das elaborações de Lacan (1985) sobre o amor no mito de *Don Juan*. Para este, a escolha do objeto de amor perde critério de portar uma mesma marca que lhe sustenta simbolicamente, sendo assim, é o objeto-em-si que passa a ser causa do desejo, independente da marca que ele porta.

Assinalamos, a partir dessa lógica, a condição do sujeito na contemporaneidade, marcada pela escassez de representações simbólicas que deem conta de suplantar a condição de faltante enquanto inerente ao sujeito humano.

No caso de Jorge, pode-se observar que o adolescente se agarra às relações em uma declarada “compulsão ao amor”. Lacan (1985) nos indica, no Seminário 20, que essa compulsão tem por função fazer Um, decorrente da busca do objeto perdido, que na realidade nunca existiu, e que tornaria possível a relação sexual. Portanto, o amor para Jorge faz suplência à relação sexual que não existe.

Porém, é peculiar a forma como o adolescente se encontra identificado aos sujeitos que cumprem a função de objetos de amor idealizado. Jorge, ao mesmo tempo que toma esses sujeitos enquanto objetos de seu amor, se empresta também ao papel de objeto e tenta fazer-se a altura da idealização. É a partir desse movimento próximo de uma acoplagem, do tornar-se unidade, que Jorge garante suas condições de existência. Freud, 1921, em "Psicologia das massas e análise do Eu", nos aponta para a identificação com esse suposto objeto perdido, em que o investimento libidinal no objeto é abandonado e substituído pela introjeção do objeto no “Eu”. Podemos observar esse movimento de Jorge quando afirma que ele só poderá ser feliz quando todos forem felizes, o que demonstra a busca por reconstruir uma lógica toda, fazer-se Um entre aqueles aos quais elegeu como objeto de amor.

Sendo o amor condição de significação para Jorge, quando se vê falhar neste papel de objeto máximo ao Outro, como no episódio em que não consegue conter a crise do primo, ele se retira da relação, oferecendo-se inclusive para morrer.

Apesar da tentativa de lançar mão da suplência do amor frente a relação sexual que não existe, o amor não é suficiente para tamponar o furo constituinte do desejo, que escancara o desamparo do sujeito frente à castração. O amor só é possível operar enquanto semblante, que torna possível no jogo de significações lançadas por Jorge proteger-se do real enquanto vai em direção ao gozo. Isso porque o semblante nos permite "acreditar que há algo onde nada há" (Miller, 2005).

No caso de Jorge o amor torna possível crer na unidade, neste “fazer-se Um” com o Outro, dando sentido ao sexo ao cumprir a função de semblante para a relação sexual que não existe.

6-Considerações Finais

A adolescência irrompe como um importante momento da constituição psíquica sob a incidência do Real do Sexo, exigindo do sujeito implicar-se com a operação adolecer constituindo uma significação singular sobre a relação sexual.

Os impasses e descaminhos que são encarados pelos sujeitos durante essa operação envolvem um novo enlace da imagem do corpo com o corpo pulsional que implicará na realocação do laço social que amarra o sujeito no discurso.

No entanto, a operação adolecer adquire novas roupagens na contemporaneidade com a claudicação do significante Nome-do-Pai como operador simbólico por excelência, tornando as possibilidades de representação e significação ao Real do Sexo escassas e indicando que a perda originária tem sido sintomaticamente colmada pelo gozo não regulado pela lei da castração.

O contexto recortado por esse trabalho, demonstra que embora sofrida e arriscada, os sujeitos adolescentes têm inventado, como podem, formas de suplementar a relação sexual que não existe rumo a uma posição desejante.

No estudo dos casos, pode-se notar a valorização da fantasia e do amor enquanto estratégias que fazem barreira à castração ao mesmo tempo que permitem alcançar certa significação para relação sexual, porém, sem muita referência à dimensão simbólica.

Pudemos vislumbrar através dos casos as consequências desta perda de referência simbólica, sendo a principal o enodamento entre amor e gozo. Apreendemos a função do amor enquanto suplência ao que não se inscreve da relação sexual, encontrando aproximações e diferenças em como Nina e Jorge constituem suas saídas que se dão por meio do amor.

Pudemos observar que Nina lança mão da fabulação, o amor é a roupagem e se sustenta na fantasia da Outra mulher. Nisto o parceiro, dissimulado a partir da fabulação, pode servir apenas ao gozo da fantasia.

Por sua vez, Jorge, o amor atua como semblante, e dá sustentação à imagem de si que é encontrada do lado do outro por meio da identificação com o objeto de amor.

No entanto, sabemos que o amor não corresponde ao sexo, o que quer dizer que ele não proporciona nenhuma identidade sexual. Seja na função de semblante ou na função de fabulação há um real no encontro dos gozos que não pode ser inscrito. O apelo que ambos adolescentes fazem é para que o amor comporte uma irrupção de gozo sem que se possa convertê-lo em desejo. Em outras palavras, os dois sujeitos se satisfazem com o amor, o que implica dizer que o amor não desemboca no desejo sexual.

Nisto reside uma afirmação cara a discussão proposta por este trabalho: Não há garantias que possam vir do campo do Outro acerca do Real do Sexo, ela vem do ato, mas, ao mesmo tempo, o ato sexual é um real que não se inscreve no ser. A única certeza reside na experiência de gozo do sujeito, pois esse sim se inscreve, seja na fantasia ou no corpo, mesmo

que as contenções simbólicas sejam insuficientes.

7-Referências Bibliográficas

- Alberti, S. (2009). *O Sujeito Adolescente*. Rio de Janeiro 3ª edição: ContraCapa.
- Amigo, S. (2007). *Clínica dos fracassos da fantasia*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Birman, J. (2014). *O sujeito na contemporaneidade* (2a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Coelho dos Santos, T. (2009). Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro sintoma. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 12 (1), 9-26.
- Catroli, V. S. C., & Rosa, M. D. (2013). O laço social na adolescência: a violência como ficção de uma vida desqualificada. *Estilos Da Clínica*, 18(2), 297-317. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v18i2p297-317>
- Cottet, S. (1996). Estrutura e romance familiar na adolescência. In: Ribeiro, H. C. & Pollo, V. (orgs.). *Adolescência: o despertar* (pp. 7-20). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Costa (2001). *Corpo e escrita: Relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará
- Costa, A., & Poli, M. C. (2010). Sexuação na adolescência: um ato performativo. *Revista Psicologia Política*, 10(19), 141-150. Recuperado em 02 de janeiro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100012&lng=pt&tlng=pt.
- Douville, O. (2004). Uma melancolização do laço social? *Ágora*, 7(2), 179-201. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v7n2/v7n2a01>
- Freud, S. (2010) *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1989). A dissolução do complexo de Édipo. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.3.ed.Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1980). Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses. *Obras completas, ESB, v. VII*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: parte III: as transformações da puberdade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas Sigmund Freud (Vol. VI, pp. 213-236). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

- Freud, S. Totem e tabu (1913). In: FREUD, S. *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, 11).
- Freud, S. (1996) A Interpretação dos Sonhos. Vol. IV Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1900)
- Gomes, M. R. (2018) Bordando o manto do mundo: artes e psicanálise. São Paulo: ECA-USP CDD 21.ed. – 701.15 DOI: 10.116069788572072009
- Gurski, R. (2009). Cama de gato: um breve ensaio sobre a subjetivação juvenil na atualidade. *Estilos Da Clinica*, 14(27), 14-33. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v14i27p14-33>
- Gurski, R., Strzykalski, S., & Perrone, C. M. (2020). O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação. *Tempo psicanalítico*, 52(2), 357-383. Recuperado em 30 de dezembro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200017&lng=pt&tlng=pt
- Gutierra, B. C. C. (2002). O mestre (im)possível de adolescentes - uma especial posição subjetiva na transmissão. *Estilos da Clinica*, 7(12), 36-47. Recuperado em 30 de dezembro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Klein, M. (1975). Analisis infantil. In: *Obras Completas*. Buenos Aires, Paidós - Hormé, v. Contribuciones Al Psicoanálisis. (Trabalho original publicado em 1923)
- Lacan, J. (1998). Escritos. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999). O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1995). O seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 232-370. (Trabalho original publicado em 1956-57)
- Lacan, J. (2005). O seminário, livro 10 a angústia, 1962-1963. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-63)
- Lacan, J. (1992). *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1985) *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora (Trabalho original publicado em 1972-73)

- Lacan, J. (1987) Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense. (Trabalho original publicado em 1932)
- Lacan, J. (2003). Prefácio a O despertar da primavera. In J. Lacan, Outros escritos (pp. 557-559). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Maia, M. A. M., & Caldas, H. (2011). O amor como semblante. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3), 107-116. Recuperado em 28 de dezembro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000400009&lng=pt&tlng=pt.
- Miller, J. (2015) Em Direção a Adolescência. *Minas com Lacan* Recuperado de <http://minascomlacan.com.br/blog/emdirecaoadolescencia>
- Ramírez, M. E. (2014). Despertar da adolescência: Freud e Lacan leitores de Wedekind. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Opção Lacaniana online nova série Ano 5. Número 15. novembro 2014 ISSN 2177-2673.
- Rassial, J. J., Bidaud, E. & Douville, O. (2002, 23 de agosto). Os nós adolescentes. (Entrevista concedida a Maria Cristina Poli Fellipi). *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 23, 127-137.
- Rassial, J-J. (2005). O sintoma adolescente. *Estilos da Clínica*, 4(6), 89-93. Recuperado em 10 de setembro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281999000100009&lng=pt&tlng=pt
- Rassial, J.-J. (1999). *O adolescente e o psicanalista* (L. M. F. Bernardino, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Rosa, M. D. (2002). Adolescência: da cena familiar à cena social. *Psicol. USP* v.13 n.2 São Paulo. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200013>
- Rosa, M. D. e Domingues, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2010, v. 22, n. 1 [Acessado 30 Dezembro 2022], pp. 180-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>
- Rosa, M. D., Gurski, R., & Poli, M. C. (2010). Psicanálise e política: debates sobre a adolescência contemporânea. *Revista Psicologia Política*, 10(19), 91-94. Recuperado em 10 de setembro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100008&lng=pt&tlng=pt.

- Santos, T. C., Zeitouné, C. M. (2011) Amor, impasses da sexuação e ato infracional na adolescência. *Tempo psicanal.* [Internet]. citado 2023 Jan 02] ; 43(1): 85-108. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100006&lng=pt.
- Poli, M. C. (2007). Construção da fantasia, constituição do fantasma In: BACKES, C., org. *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 43-49. ISBN 978-85-386-0387-0. doi: 10.7476/9788538603870.
- Poli, M. C. (2005). *Clínica da exclusão: a construção da fantasia e o sujeito adolescente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Warpechowski, M. B., & De Conti, L. (2018). Adolescer em contextos de vulnerabilidade e exclusão social. *Estilos Da Clinica*, 23(2), 322-343. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i2p322-343>
- Winnicott, D. (1982). *A criança e o seu mundo* (5a ed.) Rio de Janeiro: Zahar editores.